



Novembro, 2025

QUAL O PAPEL DOS MUSEUS DIANTE DO ANTROPOCENO? MÓDULO 2

Whodson Silva



ARTES, MUSEUS E ANTROPOCENO MÓDULO II

COORDENAÇÃO Ariana Nuala
Henrique Falcão
Jamille Barros
Whodson Silva

ORIENTADOR Hugo Menezes Neto

BOLSISTAS RESIDENTES Bruna Alves de Lima
Paula Miréia Ramos de Oliveira

REVISÃO Maria Cecília Villanova
Whodson Silva
Boneca Lab

DIAGRAMAÇÃO Filipe Aca



QUAL O PAPEL DOS MUSEUS DIANTE DO ANTROPOCENO?

MÓDULO 2

Whodson Silva¹

Nesta apresentação do segundo módulo do “Projeto Artes, Museus e Antropoceno”, quero retomar a sua questão orientadora, já discutida por Hugo Menezes Neto em texto anterior. Considero que, no processo de continuidade do projeto, torna-se fundamental reaver a demanda que mobiliza os seus sentidos.

Qual, então, é o papel dos museus diante do Antropoceno? Há vários caminhos de reflexão possíveis a partir de uma pergunta ampla e que, certamente, nos leva a diferentes respostas. Caminho, nesse sentido, entre os próprios indicativos do exercício que temos provocado no âmbito da Oficina Francisco Brennand, por meio do Projeto Artes, Museus e Antropoceno. Diante dessa iniciativa, não chegamos à totalidade de soluções ou à presunção de uma resposta, no entanto, tensionamos o sentido do papel social do museu – compreendendo-o como um espaço plural e que, assim o sendo, tem por dever apreender e contribuir com o seu entorno.

Este papel, não por acaso, conflui com as intenções que Francisco Brennand, patrono da Oficina, pensava para um espaço resultante de um processo contínuo de sua criação artística, e que por isso não poderia funcionar sem vínculos culturais:

Coleciono algumas ideias a respeito disso e mesmo que eu não tenha uma visão nítida do aproveitamento imediato desses espaços, no sentido de participação maior de um público especializado, gostaria que isso acontecesse [...]. Vejo neste interesse da parte de um dramaturgo estrangeiro ou de dramaturgos nacionais possibilidade de aproveitar e fazer com que este espaço viesse a funcionar no sentido mais completo de seus reais propósitos. E isso iria acontecendo gradativamente, na medida em que o conjunto



estivesse perfeitamente organizado e pudéssemos também pensar numa estrutura de atendimento compatível com um público mais heterogêneo. Uma série de pormenores que tornasse tudo isso viável. Não estou propondo nenhuma novidade, porque na Europa existem casos semelhantes. O que tentarei evitar a qualquer custo é a transformação desses espaços em mais uma grande casa de espetáculos sem nenhum vínculo cultural (Brennand, 1995, p. 13).

São nos pormenores dessa organização institucional que atua a Gerência de Educação e Pesquisa da Oficina, exatamente na construção de uma estrutura institucional compatível com a heterogeneidade e sociobiodiversidade inerentes a essa realidade – um museu-ateliê inserido em uma Unidade de Conservação (UC) de Mata Atlântica, no bairro da Várzea, Zona Oeste do Recife (PE).

Por estar localizado no bairro da Várzea, conhecido como um “cantinho” de expressões culturais, a Oficina mantém um diálogo criativo e constante com as comunidades, mestras e mestres locais, por meio de programas como o Ocupa Oficina, o Artes na Oficina, a Imersão, entre outras ações que pensam e fazem da Oficina Francisco Brennand um espaço único de confluências artístico-culturais e, para tanto, pedagógicas.

Por outro lado, estar situado em uma UC exige não apenas o cumprimento de procedimentos institucionalizados pelo poder público para conservação ambiental, mas também uma compreensão ampliada e efetiva das interações, sentidos e compromissos que a Oficina tem com a agenda ambiental. As Trilhas do Capibaribe, as Visitas Mediadas temáticas, o Curso Diálogos sobre Natureza, Cosmologias e Territórios, por exemplo, estão entre o escopo de programas voltados especialmente para o eixo “Natureza”, que compõe a própria poética brennandiana e as linhas de atuação da Gerência de Educação e Pesquisa².

O Projeto Artes, Museus e Antropoceno está situado aqui, entre as iniciativas que complexificam e impulsionam a atuação da Oficina nesse eixo. Surge, portanto, da curiosidade de entender o seu papel diante do que se convencionou chamar “Antropoceno”, para situar temporalmente um conjunto irrever-

² Além do eixo “Natureza”, compõe as linhas de atuação da Gerência de Educação e Pesquisa os eixos “Cosmologias” e “Território”. Esses são eixos curatoriais, estabelecidos a partir de um exercício de pesquisa desenvolvido entre os setores que gerem a instituição, a partir do processo de institucionalização da mesma.



sível e desmedido dos efeitos ambientais que nos atingem na contemporaneidade. À vista disso, o projeto reúne, desde 2022, pesquisadoras e pesquisadores bolsistas de diferentes áreas para compreender as narrativas e os repertórios imagéticos e discursivos que ocupam a Oficina em confronto com o tema da emergência ecológica.

Com cooperação técnica da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) e em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob a orientação acadêmica de Hugo Menezes Neto, docente do Departamento de Antropologia e Museologia (DAM), o projeto vem movimentando investigações que contribuem para debates urgentes, também no contexto dos museus, tais como qualidade de vida, igualdade social, racismo ambiental e justiça socioambiental. Nesse sentido, os estudos produzidos até aqui visam à capacidade imaginativa, força de mobilização e conscientização do papel social da Oficina.

Neste momento, sob coordenação de Jamille Barros, Gerente de Educação e Pesquisa, o segundo módulo do projeto agrupa dois ensaios, produzidos entre 2023 e 2024, resultantes das leituras e investigações de duas bolsistas discentes de graduação da UFPE: Paula Miréia Ramos de Oliveira, do curso de Geografia, e Bruna Alves de Lima, do curso de Ciências Sociais. Ambas as produções passaram por revisões e receberam contribuições de integrantes da Gerência de Educação e Pesquisa. No caso específico de Bruna Lima, as contribuições levaram-na a reformular o seu trabalho em um ensaio visual, que se desdobra de uma parceria com Gabriel Silva, autor dos registros.

No primeiro ensaio: “Relações e conexões espaciais entre a Mata do São João da Várzea e a Oficina Francisco Brennand”; Paula Oliveira apoia-se na discussão sobre “espaço”, incitada pelo geógrafo Milton Santos, a fim de refletir sobre as relações espaciais estabelecidas pela Oficina Francisco Brennand no meio em que está inserida. O foco de Oliveira é estabelecer as conexões da Oficina, seja com a Várzea, enquanto um espaço marcado por um passado colonial, que reflete na própria história da família Brennand e na construção da Oficina enquanto uma Cidadela, seja com a Mata do São João da Várzea, conhecida também como *Mata dos Segredos*, *Mata do Catimbó* ou mesmo *Mata de Brennand*, que, sendo uma UC, demanda políticas ambientais específicas.



Nesta discussão, a Várzea, a Mata e a própria Oficina são entendidas como construções ativas, que resultam das ações humanas sobre esses espaços, moldados por forças sociais, históricas e ambientais, e não simplesmente áreas físicas. Dessa ótica, as comunidades no entorno da Oficina sempre estabeleceram relações de interação com a mata, bem como a Oficina estabeleceu relações de transformação da natureza, ambas através das práticas de manejo, cultivo ou alterações no território.

A contribuição do ensaio de Oliveira está justamente no destaque às relações de preservação e conservação ambiental, apontando que, quando tais conceitos ou questões não são aprofundados, corre-se o risco de que medidas aparentemente protetoras acabem servindo a interesses específicos, em detrimento de uma gestão territorial verdadeiramente inclusiva e sustentável. No caso específico da Oficina, Oliveira atenta para a necessidade de um plano de manejo ambiental formalmente estabelecido, o que garantiria a eficácia de práticas de conservação que envolvessem os interesses da comunidade circundante.

Nessa perspectiva, a conservação dessa UC não pode ser dissociada das práticas e vivências das populações locais, que mantêm laços históricos e afetivos com esse território. Isto desafia a concepção brennandiana de uma natureza intocável, ressaltando a necessidade de políticas de gestão ambiental que integrem as demandas comunitárias à promoção de uma conservação balizada na inclusão social.

No ensaio: “Um ensaio visual sobre o Ofá de Odé na Oficina Francisco Brennand”, Bruna Lima, em colaboração com Gabriel Silva, constrói uma perspectiva visual sobre a ocupação na Oficina por um símbolo religioso de matriz africana, o Ofá de Oxóssi. Na liturgia do candomblé, lugar de onde fala Lima, Oxóssi é uma divindade a quem foi conferido o título de Odé – o maior entre todos os caçadores. Oxóssi é um orixá das matas, da caça e da fartura, reconhecido como o caçador de uma flecha única e certa. O arco e flecha utilizado por Oxóssi, neste caso, o Ofá, simboliza a fartura, a proteção e mesmo a direção.

Oxóssi é reconhecido por seu temperamento forte e rígido e por fazer morada na mata; por isso, está associado à noção de proteção das florestas e animais. Faz sentido que, à primeira vista, o Ofá de Oxóssi seja, por excelência, a assinatura da Oficina Francisco Brennand; aliás, este é um espaço de mata



e de conservação ambiental. Lima, no entanto, tensiona essa compreensão e mesmo a própria ocupação do Ofá na Oficina, destacando as marcas coloniais dessa ocupação.

Francisco Brennand, em 1956, visitou o Mercado de Água de Meninos, em Salvador (BA), e lá teve acesso às ferramentas com símbolos referentes aos Orixás. Ainda que desconhecesse o Ofá, sentiu-se atravessado ao ponto de assumir essa imagem como a identidade da sua Oficina.

Como apresentado na exposição temporária “A Invenção dos Reinos” (2023-2024), com frequência, o Ofá é divulgado como marca ou símbolo de Brennand, o que destitui seu sentido originário. Oxóssi antecede e sucede Francisco, assim como os territórios ocupados por seus antepassados. Retomar o Ofá, no sentido que faz Lima, é uma forma de provocar a agência e os significados próprios desse símbolo.

A contribuição do trabalho de Lima está tanto em seu formato, sendo o primeiro ensaio visual no âmbito do projeto, quanto no destaque da Oficina pela ótica do Ofá. Nessa ótica, a assinatura de Brennand marca o espaço e a sua identidade visual, sem deixar de ser um símbolo religioso. Para isto, é fundamental os processos de mediação cultural realizados pela equipe de Educação e Pesquisa da Oficina, que buscam situar o Ofá em seus sentidos e alcances. Os alcances do Ofá, dessa perspectiva, se expandem de fora para dentro, isto é, da mata para a Oficina, e não do contrário.

Os ensaios presentes neste módulo, portanto, trazem aspectos instigantes para leituras e compreensões sobre as dimensões socioambientais presentes no espaço da Oficina, seja na dimensão material – vista na esfera de uma política institucionalizada de manejo ambiental – seja na dimensão simbólica – vista na presença e usos do Ofá de Oxóssi na Oficina. A partir dessas contribuições, pretendemos ampliar as possibilidades de reflexão e crítica inerentes ao Projeto Artes, Museus e Antropoceno.

No anseio de decifrar qual o papel dos museus diante do Antropoceno, temos, enquanto Gerência de Educação e Pesquisa, nutrido perspectivas de conscientização e politização, invertendo lógicas hegemônicas e promovendo atividades que democratizam o acesso ao conhecimento, à cultura e à arte. Isto não está dissociado de uma consciência ambiental concreta, afinal, a mata precisa estar de pé para que a Oficina Francisco Brennand também permaneça – o que é evidente,



já que a experiência de contemplação deste espaço se inicia no momento em que você ingressa em uma estrada de terra de 2 km em meio à mata atlântica.

Frente aos problemas ambientais de nossa geração, tornou-se incontornável refletir o nosso papel enquanto instituição museal. Pensar, questionar e promover discussões, ainda que não cheguem à completude de respostas, nos parece um caminho profícuo de atuação e gestão de uma museologia comprometida com a sociobiodiversidade e transformação social.



REFERÊNCIAS

BRENNAND, Francisco. **Francisco Brennand por ele mesmo**. Recife: FUNDARPE, 1995.

NETO, Hugo Menezes. **Qual o papel dos museus diante do antropoceno?** In: Apresentação - Artes, museus e antropoceno. Recife: Oficina Francisco Brennand, 2023

NUALA, Ariana; Campos, Marcelo (org.). **A invenção dos reinos**. Recife, PE: Oficina Francisco Brennand, 2023.



MANTENEDOR



GrupoCornélioBrennand

PATROCÍNIO



Deloitte.



APOIO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA CULTURA

